

O Professor Benedito de Moraes, a Pesquisa Básica e as Universidades¹

Manfredo Perdigão do Carmo

Inicialmente, permitam-me agradecer ao Diretor do Centro de Ciências, à Magnífica Reitora e ao Conselho Universitário, pelo honroso título a mim conferido. Desejo também agradecer a todos aqueles que tornaram possível esta reunião que, para mim, além de uma homenagem, é um reencontro com o passado. Reencontro com amigos de infância, com alunos, colegas e professores de uma época que julgava desbotada e que, pelo contrário, se aviva com o passar do tempo. Reencontro principalmente, com aqueles pedaços de raízes que nos acompanham, sutis e insuspeitados, pela vida afora.

Só lamento não reencontrar o saudoso Professor Benedito de Moraes para lhe agradecer pessoalmente pelo tanto que lhe devo. Não só pelas aulas de Matemática mas, e principalmente, pelo exemplo de uma vida simples, íntegra e intransigentemente honesta.

Embora o Professor Benedito não fosse o que hoje chamamos um pesquisador em Matemática — nem poderia sê-lo em sua época — a sua atitude em relação à Matemática era intuitivamente correta.

Primeiro, havia a sua compreensão da simplicidade fundamental da Matemática. Quando eu digo simples, não quero dizer fácil; pois a mente humana mais facilmente se enreda em complexidades do que se apercebe de coisas simples. Quando eu digo

¹ Discurso pronunciado por ocasião do recebimento do Título de "Doutor Honoris Causa" da Universidade Federal de Alagoas, em 28/11/1991.

que a Matemática é simples, quero dizer que ela parte do conhecimento profundo de coisas corriqueiras da nossa experiência — retas, triângulos, círculos — e consegue resolver coisas aparentemente complicadas por aplicações engenhosas destas idéias mais simples. Este ponto de vista estava claro nos ensinamentos do Professor Benedito. Não era infrequente ele interromper um aluno com o seguinte comentário: “Está complicando sem necessidade”. E arrematava com uma de suas frases prediletas: “Ouviu o galo cantar, mas não sabe onde”. E em frases diferentes, que se tornaram lendas entre seus alunos, a idéia era repetida que as coisas simples são importantes, mas que só se tornam úteis quando é possível aplicá-las com segurança.

Segundo, havia o seu entusiasmo por problemas. Nunca o vi muito preocupado com discussões filosóficas sobre a natureza dos números. Entretanto, um problema desafiante podia fazê-lo gastar as suas poucas horas de folga, dia após dia, fim de semana adentro, até o momento feliz da solução, em que tudo fica transparente e nos sentimos muito pequenos por ter demorado tanto a perceber coisa tão clara. Nestes momentos, ele costumava gritar para a sua esposa (e sua voz estentórica era ouvida em toda a pracinha defronte à sua casa): Santa, o seu marido é um burro!

Com as naturais diferenças de temperamento, o que hoje fazemos nós, pesquisadores em Matemática, não é essencialmente diferente. Temos a vantagem de um treinamento que nos levou às fronteiras da Ciência; enquanto o Professor Benedito resolvia problemas catados de velhos textos franceses, temos a oportunidade de tentar problemas ainda não resolvidos pelos nossos colegas no resto do mundo. E porque a nossa sociedade começa a reconhecer, ainda que timidamente, a importância da pesquisa científica, temos mais tempo, esse tempo precioso que a geração passada consumiu em centenas de horas de aula necessárias à sua sobrevivência. Basicamente, entretanto, a atitude é a mesma, e é possível que este amor a problemas seja a característica mais forte do talento matemático, em todas as épocas e em todas as idades.

Permitam-me algumas considerações sobre esta questão de condições necessárias à pesquisa científica. A entrada do Brasil na Era da Ciência é um fenômeno relativamente recente. Por exemplo, a existência de uma comunidade matemática brasileira, com um mínimo de densidade e regular produção científica a nível in-

ternacional, data dos anos setenta. Essa comunidade, embora pequena, é hoje respeitada no mundo inteiro e tem apontado direções de pesquisas seguidas por nossos colegas no exterior. Para se criar, manter e ampliar tal comunidade, são necessárias basicamente duas condições:

1a.) Investir em treinamento de pessoal qualificável que possa ir a centros mais avançados e aí aprender as técnicas e problemas de fronteira.

2a.) Absorver o pessoal assim treinado e dar-lhe condições de liberdade, dignidade e lazer, indispensáveis ao trabalho científico.

Admito que esse processo é mais facilmente descrito do que realizado e que o seu sucesso depende de fatores vários que eu não quero discutir aqui. Mas quero chamar a atenção para o fato de que a absorção deste pessoal em volume adequado às dimensões brasileiras terá que se dar necessariamente nas universidades.

A Universidade não é, precipuamente, um lugar de dar aulas e muito menos um escritório de prestação de serviços. A Universidade é, essencialmente — e o resto decorre daí — um lugar onde se cultua, se propaga, e se produz a Ciência e a Cultura necessárias ao futuro do país. Neste papel, a Universidade é indispensável e a experiência brasileira ensina que ela é, por natureza, um serviço público. De fato, não conheço instituição brasileira onde a pesquisa básica seja realizada sem a presença de investimentos públicos. Seria certamente insensato esperar que a iniciativa privada financiasse a preparação de todos os profissionais de alto nível necessários ao desenvolvimento do Brasil. A empresa privada pode, eventualmente, se interessar por certos setores da pesquisa aplicada. Neste caso, ela utiliza os quadros já existentes, cuja formação e manutenção foram asseguradas por instituições públicas dedicadas à excelência da pesquisa. São estas instituições, que possuem e formam os quadros necessários à eclosão do desenvolvimento tecnológico. Tecnologia de ponta não se obtém por importação; tecnologia de ponta se aprende ou se cria, a partir de um patamar mínimo de conhecimentos básicos.

Gostaria de concluir, voltando ao meu tema inicial, o Professor Benedito de Moraes. Perdoem-me se insisto em falar em um personagem do meu passado. A minha justificativa é que, muito mais que um personagem do meu passado, o Professor Benedito de Moraes é um patrimônio cultural desta nossa terra. Desejo, por-

tanto, junto com o preito pessoal de gratidão, estender esta homenagem ao Professor Benedito de Moraes que, em tempos difíceis, preservou nesta terra os valores fundamentais da Matemática.

Permitam-me concluir com uma nota pessoal. Está aqui presente D. Nitô, senhora de muitas qualidades, entre as quais a de ser minha mãe. Sem querer entrar em detalhes, pois isto seria uma outra história, desejo simplesmente transmitir a ela, neste momento, a minha gratidão por tudo que ela fez.